**HORA DO CAFÉ: REPENSANDO CURRÍCULOS E PRÁTICAS DOCENTES A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Isabella de Fátima Siqueira Barboza (UERJ/FFP) [[1]](#footnote-0)

Jamily Pereira Pinto (UERJ/Maracanã) **[[2]](#footnote-1)**

**RESUMO**

O presente trabalho, que tem como temática central a perspectiva decolonial nos currículos, busca investigar os diálogos estabelecidos acerca da temática nas discussões do curso de extensão voltado para uma perspectiva de formação continuada, “Café com Currículo”. Desenvolve-se a partir do mapeamento das narrativas docentes mobilizadas pelas reflexões propostas ao longo dos *bons encontros* (ESPINOZA, 2010) do curso na edição de 2023, que teve como tema a decolonialidade e as questões estéticas no cotidiano dos currículos, partindo da premissa do compartilhamento de narrativas subjetivas e diálogos coletivos entre os professores, visando a ruptura de currículos hegemônicos. Além disso, a pesquisa foi desenvolvida, utilizando as contribuições de *autorespesquisadores* do campo dos currículos (RODRIGUES; GARCIA, 2023), dos cotidianos e das pesquisas com narrativas (FERRAÇO, 2003; GARCIA, 2015).

**Palavras-chave**: currículos, decolonialidade, formação de professores, narrativas docentes.

**INTRODUÇÃO**

O Café com Currículo é um curso de extensão do grupo de pesquisa: Diálogos Escolas-Universidade, orientado pela professora Alexandra Garcia, com foco na formação continuada de professores, visando a produção e o compartilhamento dos *saberesfazeres* docentes, através da criação de um espaço de acolhimento e conversações de temas que se manifestam nos cotidianos, proporcionando trocas de experiências e reflexões entre docentes da Educação Básica.

O projeto é pensado e realizado em espaços de formações coletivas com professores das Redes Municipais do Rio de Janeiro, São Gonçalo e Niterói. Os encontros da edição de 2023 foram realizados na Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Barbosa Santos, localizada em Niterói/RJ e tiveram como tema central: “Decolonialidade e as questões estéticas no cotidiano dos currículos”. Assim, buscou-se pensar os currículos a partir de outros sentidos que nos atravessam e abrangem o modo como produzimos conhecimentos. A proposta surgiu a partir da identificação da necessidade de aprender com os povos originários, os saberes da floresta, os saberes de outras culturas que sempre existiram e que desperdiçamos por não reconhecermos sua legitimidade.

Tendo isso em vista, a proposta do presente trabalho consiste em analisar os desdobramentos da abordagem realizada pelo Café com Currículo no ano de 2023 e quais foram as contribuições compartilhadas ao longo do curso e como afetaram os docentes em suas práticas. Para isso, recorremos ao mapeamento das narrativas subjetivas dos professores participantes, para se pensar os *saberesfazeres* docentes, a fim de mobilizar, em conjunto, possíveis mudanças nas práticas realizadas nos diversos *espaçostempos* educativos, sobretudo na mobilização da desconstrução de currículos hegemônicos, não condizentes com as realidades e potencialidades presentes nos cotidianos. Para maior embasamento às reflexões mobilizadas, a pesquisa se apoia nos estudos dos campo dos currículos, dos cotidianos e do trabalho com narrativas.

**UM CAFÉ, UM ENCONTRO PARA DIÁLOGOS: A PROPOSTA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A APOSTA NA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

A proposta do Café com Currículo é desenvolvida a partir de uma perspectiva de formação compartilhada (GARCIA, 2015), na qual, por meio das rodas de conversas, são mobilizados diferentes conhecimentos e narrativas dos professores com base nos processos escolares individuais e nas práticas docentes, apoiando-se em uma compreensão dialógica e horizontal de formação, compondo tessituras de solidariedade.

Tendo em vista que fazer a escola é uma tarefa complexa que demanda a mobilização de diferentes conhecimentos (GARCIA, 2015), provocado por reflexões a respeito do saberes contra-hegemônicos, o projeto de extensão foi elaborado conjuntamente entre os membros do grupo de pesquisa Diálogos Escolas-Universidade e os professores inscritos. Foram oportunizados *bons encontros* (Espinoza, 2010), ao longo dos quais foram trabalhados diferentes temas que dialogam com as questões de decolonialidade, estética dos corpos *praticantesatuantes* dos currículos e a importância de reconhecer e elaborar propostas para se trabalhar coletivamente os repertórios culturais presentes dentro e fora, que consequentemente são trazidos para dentro, dos *espaçostempos* educacionais.

De acordo com Silva e Passos (2022), a decolonialidade pode ser estendida como a soma de esforços de intelectuais insurgentes em contraposição às tendências acadêmicas eurocêntricas. Ela surge como uma forma de resistência que visa à desconstrução das estruturas de dominação da colonialidade, pondo em evidência e valorizando os saberes ancestrais dos povos originários. Tendo isso em vista, torna-se necessário (re)pensar os saberes nos quais se apoiam os nossos currículos, de modo que possam dar visibilidade aos saberes de povos e comunidades que sofreram - e ainda sofrem - silenciamento e marginalização.

Considerando também as demandas trazidas pelos professores e sensível ao expressivo aumento do número de casos de violência nas escolas, o curso, em suas rodas de conversas, buscou problematizar o que pode estar na origem dessas questões que hoje vêm sendo enfrentadas, bem como refletir acerca de outras potências nas atividades docentes que podem mobilizar redes solidárias e formas harmônicas de convivência.

Ao entender o currículo como produção cotidiana (Garcia, 2015), é imprescindível reforçar a necessidade de se pensar o lugar das práticas culturais, que são cada vez mais silenciadas dentro de uma proposta de curricular singular, que invisibiliza as pluralidades culturais e os múltiplos sujeitos presentes nas ambiências educativas. Assim, buscou-se tensionar o lugar do corpo na escola, por exemplo. Afinal, sendo a escola uma instituição inventada pela modernidade, entende-se que ela é o lugar privilegiado da mente, do pensamento, e, nesse sentido, interpreta-se que em tal ambiente, o corpo precisa ser disciplinado para que a mente possa funcionar de maneira eficaz.

Diante dessa problematização, buscou-se oportunizar experiências que deslocassem a centralidade da racionalidade, uma vez que esta é impregnada de um pensamento colonial. Assim, foram trabalhadas outras possibilidades de percepções que passam pelos sentidos do corpo, de modo que se possibilitasse estranhar as lógicas que orientam os nossos currículos, os saberes que neles estão contidos e o que esses conhecimentos vêm introduzindo no mundo, além de considerar que outros conhecimentos podem ser semeados no trabalho cotidiano.

**CAFÉ COM NARRATIVAS: UM MOMENTO PARA REPENSAR AS PRÁTICAS DOCENTES**

 Uma das propostas pensadas para romper com as práticas e pensamentos coloniais, é utilizar as narrativas subjetivas dos docentes participantes, para se pensar os seus *saberesfazeres*, a fim de mobilizar, em conjunto, possíveis mudanças nas práticas realizadas nos diversos *espaçostempos* educativos, como explica Ferraço: “Estamos sempre em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos “lugares”, tanto como *alunosalunas* que fomos, quanto como *professoresprofessoras* que somos” (FERRAÇO, 2003, p.159), portanto, por meio das narrativas dos tempos escolares das professoras, as mesmas podem mobilizar reflexões sobre as suas próprias práticas, e quando compartilhadas em um espaço favorável ao diálogo e à formação conjunta, *com* o outro, contribuem também para a desconstrução de currículos hegemônicos, não condizentes com as realidades e potencialidades presentes nos cotidianos, pois entendemos assim que narrar as práticas para outras professoras, contribui para o empoderamento e protagonismo político-epistemológico de quem narra (GARCIA; RODRIGUES, 2017).

Os encontros foram desenvolvidos dialogando *sobre* e *com* as diversas temáticas culturais que estão envolvidas nos cotidianos, como as festividades culturais, o respeito e empatia dentro dos espaços educativos. Em um dos encontros, foi elaborada uma atividade de plano de aula, com o tema: como trabalhar em sala as diversidades culturais dos alunos. Todas as professoras contribuíram com a atividade, e uma das professoras, em especial, trouxe a pesquisa e a entrevista como um recurso para se trabalhar a diversidade religiosa e desenvolver a empatia e o respeito entre os alunos, pois por meio da curiosidade, os alunos são mobilizados a pesquisar e entrevistar as pessoas da família e/ou ao seu redor, as quais contribuirão para conversas dirigidas em sala de aula, como uma forma de entender a diversidade, não só religiosa, mas também cultural e a importância do respeito à diferença.

A partir da compreensão das narrativas como um meio de repensar as práticas docentes e os currículos como produções cotidianamente atravessados por diversas possibilidades e complexidades, os encontros do Café com Currículo de 2023, mobilizaram diversas reflexões e questionamentos, sobretudo, como as práticas culturais estão envolvidas naquilo que a gente se torna, nas nossas aprendizagens, e em como, na escola, as práticas culturais se fazem presentes nos currículos.

**BREVES CONSIDERAÇÕES**

A proposta trabalhada ao longo do curso permitiu, a cada roda de conversa, mobilizar redes de conhecimentos para refletir acerca das demandas dos professores, sendo estabelecidos diálogos potentes a partir de uma problematização da colonialidade, que ainda hoje permeia os pensamentos centrais que regem os nossos currículos. Com isso, entendemos que trabalhar a partir de uma perspectiva decolonial, constitui uma forma de resistência que demanda um esforço coletivo para repensar e questionar as próprias práticas.

 Diante dessa abordagem, neste trabalho foi possível constatar a importância de se pensar a formação docente e continuada como possíveis *espaçostempos* favoráveis para o entendimento das manutenções e reconfigurações dos cotidianos e a (re)produção de subjetividades (GARCIA, 2015), por meio de *saberesfazeres,* atrelados às diversidades culturais que atravessam cotidianamente os currículos, utilizando as narrativas como um meio para possíveis compreensões das práticas individuais e coletivas nos *espaçostempos* educativos.

**REFERÊNCIAS**

ESPINOZA, Baruch. Ética. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. et al. (Orgs.). Diferentes perspectivas de currículo na atualidade. Petrópolis: DP et alii, 2015. v. 1.

GARCIA, Alexandra. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. Anais da 37a Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

GARCIA, A; RODRIGUES, A. Os encontros nos currículos – esculturas singulares e cotidianas de fazeressaberes. Revista Cadernos de Educação, v. 45, n. 1, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19028. Acesso em: 01 mar. 2023.

SILVA, L.G.S; PASSOS, M. Decolonialidade. In: REIS, G; OLIVEIRA, I.B; BARONI, P. (Orgs.) Dicionário de pesquisa narrativa [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

1. Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP) e bolsista de iniciação científica (UERJ/CNPQ) do projeto Diálogos Escolas-universidade: processos formativos, currículos e cotidianos. Email: bella.fsb@gmail.com [↑](#footnote-ref-0)
2. Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Maracanã), Bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ) do projeto Diálogos Escolas-universidade: processos formativos, currículos e cotidianos. Email: jamilypereira2@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)